

POLÍTICA

CONGRESSO

Depoimento incrimina ACM e Arruda

Ex-diretora do Prodasen assume participação em violação do painel do Senado

DOCA DE OLIVEIRA
e RENATA GIRALDI
Especial para o Estado

BRASÍLIA – Num depoimento emocionado, porém contundente, a ex-diretora do Centro de Processamento de Dados do Senado (Prodasen) Regina Célia Borges sustentou que o painel de votação da Casa foi violado a pedido dos senadores Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e José Roberto Arruda (PSDB-SP). Durante sessão do Conselho de Ética, transmitida ao vivo pela TV Senado, ela foi convincente ao fornecer informações minuciosas sobre a operação de violação – na sessão secreta de cassação do mandato do ex-senador Luiz Estevão (PMDB-DF) – e sobre as pressões posteriores de Arruda para manter a fraude em segredo “até sob tortura”.

Regina não segurou o choro ao assumir sua participação no episódio. Aos poucos, recuperou a calma e a firmeza, autorizando a quebra de seu sigilo telefônico, para comprovar as ligações trocadas com Arruda e ACM: “Com certeza”, disse, de imediato, diante do pedido do senador Saturnino Braga (PSB-RJ). Ela aceitou também a acaresação com os dois senadores e o assessor de Arruda, Domingos Lamoglia, que negaram participação na suposta fraude.

O depoimento provocou queda na bolsa e uma escalada na cotação do dólar. Às 16 horas, quando ela falava há mais de uma hora, o mercado financeiro entrou em turbulência. Preocupado, Lamoglia adiou seu depoimento no conselho.

ACM e Arruda não assistiram ao testemunho em plenário. No entanto, o marido de Regina, Ivar Alves Ferreira, que também estaria envolvido no episódio, e seus filhos compareceram. Ao falar, ela também pediu perdão aos colegas de trabalho e defendeu a imagem do órgão: “Vivo hoje o dia mais doloroso da minha vida.”

Leia os principais trechos do depoimento:

Arruda – Regina explicou que o primeiro contato com Arruda durou cerca de 20 minutos, às vésperas da sessão em que o mandato de Luiz Estevão seria cassado, em 28 de junho. Ela alega que já era noite e estava em casa, quando recebeu um telefonema do senador tucano, pedindo que fosse à sua casa. “Nunca tomei a precaução de levar nada para conversar com o senador: um gravador, na-



Regina Borges no Conselho de Ética: depois de chorar no início da sessão, servidora recuperou a calma e convenceu os senadores

“Quando acabou a votação, pegamos o disquete e rodamos num micro para reproduzir a lista

Eu procurei o senador Antonio Carlos e ele disse que (o vazamento de informações para a imprensa) era coisa do Arruda

Arruda me disse que não sabia que teria vazado, mas o sigilo tinha de ser mantido até sob tortura

Meu primeiro depoimento foi chorando. Eu menti para manter o combinado

Me perdoem meus colegas (do Prodasen), fui eu, me perdoem

da.” A ex-diretora do Prodasen foi recebida por um filho do senador. Segundo ela, Arruda disse que falava em nome de ACM e pediu uma lista com os votos da sessão secreta de cassação. “Eu disse que não tinha jeito. Mas ele disse que tinha, sim, pois já havia se informado.”

Madrugada – Ao deixar a casa de Arruda, tarde da noite, ela procurou ajuda. “Fiquei pensando no que fazer, se pedia demissão ou falava com alguém.” Primeiro, conversou com o marido, Ivar Alves Ferreira. Ele sugeriu que procurassem Heitor Ledur, funcionário do Prodasen. Juntos, eles foram à casa do colega e ficaram esperando. Passava das 23 horas quando Ledur os encontrou. Informado do assunto, Ledur sugeriu que eles procurassem um dos técnicos que havia formatado o sistema de votação, Sebastião Gazola. “Não sabíamos como fazer, pois sempre nos preocupamos em manter a segurança para o público externo. Nunca imaginamos uma ação do público in-

terno.” Gazola foi localizado e seguiu com o grupo para o Senado. Antes das primeiras horas do dia 28, a equipe tinha preparado o esquema para conseguir a lista dos votos.

Gazola – Regina relatou como conseguiu o apoio de três pessoas para cumprir a tarefa e garantiu que o marido agiu por solidariedade. “Não vou deixar você sozinha nessa”, teria dito Ivar. “Se você tem de fazer, eu faço com você e assumo”. Segundo a ex-diretora do Prodasen, Ledur não deixaria de cumprir uma ordem superior: “Ele tem origem militar, é daqueles que cumprem ordens sem questionar.” Gazola seria o único dos envolvidos que não sabia o que estava fazendo naquela madrugada. “Inventamos uma versão para ele e dissemos que era para garantir a segurança.”

Disquete – Na manhã do dia da votação, Regina teria telefonado a Arruda para relatar os fatos da madrugada e tranquilizá-lo. O senador tucano respon-

deu, segundo ela, que o documento seria entregue a ACM o mais rápido possível. Horas antes da sessão, Ledur foi à sala onde fica o sistema de votações e instalou o disquete onde seriam armazenadas as informações – seguiu rigorosamente a recomendação de Gazola e deixou o local antes da sessão.

Ela disse que, ao longo do dia, Arruda telefonou para cobrar a entrega. “Estamos esperando esvaziar o plenário”, respondeu a ex-diretora do Prodasen. O disquete foi resgatado após o esvaziamento do Senado, horas depois. “Pegamos o disquete e rodamos num micro para reproduzir a lista.” O documento foi impresso em papel sem timbre.

Entrega – A instrução, de acordo com Regina, era entregar a lista a Domingos Lamoglia, assessor de Arruda. “Fiquei preocupada, pois pensei que seria entregue diretamente a ACM.” Mesmo assim, ela combinou um encontro com o assessor, na frente da biblioteca do Senado,

e disse ter ficado preocupada em ser flagrada. Ela teria sido tranquilizada por Lamoglia: “Pode ficar sossegada, pois isso vai para onde o senador falou.” Na noite do mesmo dia, ela teria recebido um telefonema de ACM, em agradecimento.

Vazamento – A divulgação, pela imprensa, de que a senadora Heloísa Helena (PT-SE) teria votado contra a cassação de Estevão foi um “sinal amarelo” para Regina. “Ali começou o nosso calvário.” Ela recebeu dois ofícios da parlamentar, que pediu esclarecimentos sobre a segurança do sistema e perguntou se tinha ocorrido alguma pane. “Respondi superficialmente, não precisei mentir demais, sofismeiei um pouco.” Na resposta que enviou à senadora, garantiu que o sistema era seguro e inviolável. Sua preocupação, porém, aumentou quando outros votos foram revelados pela imprensa: “Vi que aquilo ia dar problemas.” Regina teria procurado ACM e Arruda, pedindo explicações so-

bre o vazamento. A divulgação de conversas entre ACM e procuradores pela *IstoÉ* deixou claro que a situação se agravaria.

Pressão – No depoimento, Regina disse ter sido pressionada diversas vezes por Arruda para manter silêncio. A primeira, após a divulgação do voto de Heloísa Helena. “Procurei Antonio Carlos e ele disse que era coisa do Arruda. Arruda me disse que não sabia que teria vazado, mas o sigilo tinha de ser mantido até sob tortura.”

Uma segunda conversa ocorreu após a divulgação das conversas entre o senador baiano e procuradores da República, pela *IstoÉ*. Nessa ocasião, sustentou Regina, Arruda teria reiterado a ordem para manter silêncio e pedido que “segurasse os meninos”, em referência aos funcionários do Prodasen.

Lago Sul – A ex-diretora do Prodasen continuou mantendo contato. A seu pedido, o senador baiano teria marcado encontro na casa de sua assessora Isabel Flecha de Lima. Quando assumiu a presidência do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA), mudou a direção do Prodasen. “Ele me perguntou por que as empresas de processamento de dados foram trocadas. Eu disse que o contrato tinha vencido.”

Regina disse que voltou à casa de Arruda. Em uma das vezes, o senador queria esclarecer informações veiculadas pela imprensa. Regina teria chamado o marido para responder. Na outra, encontraram-se diante de uma igreja no Lago Sul, área nobre de Brasília. A conversa teria ocorrido no carro, dando uma volta no quarteirão.

Unicamp – A divulgação do laudo da Unicamp, comprovando a violação do painel, deixou a ex-diretora do Prodasen transtornada. Ela contou ter telefonado a ACM, a quem relatou suas preocupações com o impacto sobre o caso.

Confissão – De acordo com Regina, a divulgação do laudo e a confissão de Ledur foram os fatores decisivos para a sua decisão de confessar a violação. “Meu primeiro depoimento foi chorando. Eu menti para manter o combinado.” Ela afirmou que não recebeu apoio de Arruda nem de ACM e, há poucas semanas, avisou Arruda que contaria tudo à Corregedoria-Geral do Senado. Na ocasião, teria falado com o assessor Lamoglia Dias. “Diga ao senador que vou contar tudo e peça para dizer ao ACM”, recordou, ontem. “O senador vai negar, como é que você fica?”, ele teria dito. “Agora é cada um por si.”